



A ASCESE CORPORAL NO KARATE CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPRESSIVIDADE NO KATA¹

Fabio Augusto Pucineli

PALAVRAS-CHAVE: karate; kata; ascese corporal

Este estudo tem como objetivo promover uma análise do *kata* como um elemento fundamental do Karate como arte marcial, considerando-o, também, como um importante exercício próximo ao conceito de ascese corporal. Para tal, o trabalho contou com pesquisa documental e coleta de informações realizadas durante viagens de estudo a Okinawa – Japão, nas quais o pesquisador envolveu-se com a prática do Karate em diferentes instâncias.

Originário de Okinawa, o Karate é resultado de combinações culturais, especialmente entre práticas corporais combativas, de locais próximos à referida ilha. Em seus primórdios, era chamado de To-de (mãos chinesas) e/ou Okinawa-te (mãos de Okinawa). Acontecia principalmente nas cidades de Naha, Shuri e Tomari. Acrescentava-se o sufixo “Te” (ou “Ti”, no dialeto uchinaguchi) ao nome do local para designar de onde o karate vinha. Naha-te, mais popular, era fortemente representado pelos mestres Kanryo Higaonna e Chojun Miyagi. A nobreza e o alto escalão da sociedade okinawana praticavam Shuri-te. Choshin Chibana e Shoshin Nagamine eram os mestres mais famosos (BENNETT, 2011). Mas as derivações de estilos e escolas de karate são inúmeras. Pode-se dizer que o grande eixo no qual se sustenta a prática do karate de Okinawa é o kata, rotinas de movimentos pré-determinados nos quais são impressas as singularidades de cada estilo e escola.

Para Rosenbaum (2007), os katas são meios de transmitir e preservar conhecimentos marciais. Como em Okinawa não se mantinha o costume de registros escritos (STEVENS, 2007), era através do kata que se inscreviam no corpo e se transmitiam as técnicas, constituindo-se numa forma de linguagem através da qual o karate acontecia.

Gichin Funakoshi, um importante nome no que diz respeito à difusão do Karate pelo mundo, descreve em sua obra “Karate-do - My way of life” que praticava insistentemente um mesmo kata durante muito tempo, numa época em que a prática do Karate era proibida e as lições eram ministradas secretamente à noite, na casa dos mestres (FUNAKOSHI, 1981). Acredita-se, inclusive, que esse seja um dos motivos para a grande variedade de estilos e escolas de Karate. Os mestres não podiam divulgar e nem comunicar suas práticas. Assim, acabavam reconfigurando-as conforme suas próprias conveniências e necessidades.

Outra informação corriqueira a respeito dos katas é que a grande maioria de seus movimentos é codificada visando à manutenção de segredos. Mas a questão central da qual este trabalho busca se ocupar é quanto à estética do kata, considerando-o como linguagem, metáfora corporal que acontece numa poética particular. Ou seja, os katas são alegorias combativas, que contam no corpo e através do corpo as particularidades das tradições de cada estilo e escola, combinadas com as singularidades daquele que executa.

Há um refinamento gestual na prática do kata. Minuciosos detalhes fazem grande diferença na execução e interpretação dos gestos e sequências. Os katas também podem ser considerados formas de meditação em movimento, já que há neles uma fundamental *presença* na execução e prática. Ou seja, durante o kata o envolvimento com o momento presente é de suma importância. Durante experiência de estudos e prática de karate em Okinawa, um dos pesquisadores deste trabalho vivenciou e observou, em *dojos* tradicionais da ilha, a quase não

¹ Este trabalho não contou com fonte de financiamento.



formalidade de como acontecem as práticas de karate. Não há muita preocupação com aspectos ritualísticos, mas há um trato bastante cuidadoso com os detalhes no kata. Detalhes esses que muitas vezes são quase invisíveis, mas podem ser sentidos e que fazem significativa diferença na execução como um todo. Tal como relata Funakoshi (1981), as repetições de um mesmo gesto ou sequência são bastante cansativas. Não há pretensões esportivas e nem preocupação com uma “pedagogização” centrada na palavra.

A proposta da prática tradicional dos katas se assemelha muito ao conceito da filosofia antiga de “ascese” (*áskesis* - exercícios), “práticas corporais voluntárias e pessoais destinadas a operar uma transformação do eu” (HADOT, 1999, p.259). A ascete faz parte de uma série de rotinas que visam o cuidado de si. Para Foucault (1985),

ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe mas de que convém apropriar-se ainda melhor” (p.55).

Para o autor, essa “atividade consagrada a si mesmo” é coletiva, pois estabelece, através do uso da palavra e da escrita “o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem”. Segundo Foucault, esse é um dos “pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (p.56).

Ao se referir à ascese, Hadot (1999) diz que “nesse exercício, o eu é totalmente circunscrito no presente, ele se prepara para viver somente o que vive, isto é, o presente: ele se ‘separa’ do que fez e disse no passado e do que viverá no futuro” (p.275). Foucault (2006) refere-se à ascese como uma “decifração de si, semelhante à que encontraremos na prática monástica. Construir o vazio em torno de si, não deixar levar nem distrair por todos os ruídos nem por todas as pessoas que nos cercam. Construir o vazio em torno de si, pensar na meta, ou antes, na relação entre si mesmo e a meta” (p.272).

Atualmente os katas são praticados quase que exclusivamente para fins competitivos, já que também foram apropriados pelo fenômeno esportivo. Nos campeonatos, suas performances são avaliadas de acordo com critérios como: força, concentração, postura e ritmo. Podem acontecer individualmente ou em equipe, quando três pessoas executam simultaneamente o mesmo kata e também o sincronismo passa a ser um importante elemento de avaliação. Reconfigurados como esporte, os katas passam a ser praticados sob pressupostos do treinamento esportivo, visando o rendimento. Com isso, a execução também é reformulada, a fim de tornar o kata cada vez mais condizente com a condição de espetáculo.

A esportivização do karate teve início logo depois das primeiras apresentações realizadas pelo mestre okinawano Gichin Funakoshi no Japão continental, na década de 1920. Mas, além de ser esportivizado, o karate também adquiriu características peculiares de movimentos ginásticos do Ocidente. Com isso, foi pedagogizado e normatizado de acordo com dispositivos cujos principais objetivos são o a normatização e controle dos corpos.

Pois a proposta deste trabalho não é a nostálgica busca pela simples retomada das tradições, mas a compreensão os mecanismos de poder sobre os indivíduos que facilitaram a apropriação do karate pelos dispositivos de controle e a identificação das práticas que resistem e escapam às capturas normativas. Com isso, resignificar as maneiras de pensar, sentir, ensinar e praticar karate.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETT, Alexander. *Budô: The martial ways of Japan*. Tokyo: Nippon Budokan Foundation, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FUNAKOSHI, Gichin. *Karate-do: My way of Life*. Tokyo: Kodansha International, 1981.

HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ROSENBAUM, Michael. *Kata: La transmisión del conocimiento en las artes marciales tradicionales*. Madrid: Arkanó Books, 2007.

STEVENS, John. *Três Mestres do Budô*. São Paulo: Cultrix, 2007.